



VI Simpósio Nacional de HISTÓRIA CULTURAL

Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

QUANDO UM CARTEIRO SE TORNA ESCRITOR: REPRESENTAÇÕES, PRÁTICAS E APROPRIAÇÕES NA OBRA LITERÁRIA DE CHARLES BUKOWSKI

Marcus Vinicius Santana Lima*

1

Charles Bukowski foi um escritor norte americano que nasceu na Alemanha em função da 1º Guerra Mundial, já que seu pai, um soldado americano, conheceu sua mãe, uma alemã, durante uma das maiores provas de que o projeto iluminista ancorado em baluartes como razão, progresso e felicidade era constantemente minado pelo resultado de experiências humanas que apontavam para seu contrário, o uso da ciência para desenvolvimento das atividades bélicas, destruição massiva de enormes grupos humanos, migrações forçadas, desvalorização da vida humana, o progresso de uns sobre a aniquilação de outros. Na entrada da era dos extremos o homem teve dificuldade de se reconhecer em um projeto iluminista vendo ponto a ponto seus ideais serem subvertidos, mal assimilados e distorcidos. A ciência se tornou em grande medida umas das principais companheiras do militarismo e o progresso do homem como ser soberano, o fim que justificava os meios, foi diluído no progresso da nação enquanto projeto de representação dos interesses comuns. A felicidade a ser conquistada através da razão e do progresso, chegou ao século XX, certamente, como a felicidade de alguns privilegiados.

* Mestrando na Universidade Severino Sombra,marcusdmba@gmail.com

A modernidade adentrou a era dos extremos, entre muitos outros fatores, embriagada pelo sucesso das indústrias tecnológicas, avanços conceituais nas artes, pelo brilho que resplandecia da economia capitalista, acelerando o tempo, tornando a experiência humana mais prática, rápida, encurtando as distâncias espaciais, consolidando a noção de que o caminho que escolhemos desde o decorrer do século XVI não nos dava dúvidas que era o certo. Embriagamo-nos porque todas as transformações importantes e de caráter histórico, que ocorreram até o fim do século XIX, nos levou a experimentar novas sensações culturais, estéticas e sociais suficientes para nos fazer acreditar no progresso em andamento, a felicidade sendo saboreada e a razão mediando nossas relações humanas.

Não há dúvidas, entretanto, de que essas novas sensações sofreram um colapso com a insurgência da primeira e segunda guerra mundiais, dando lugar a sensações um tanto diferentes como o terror, o medo, a angústia, a tristeza, a possibilidade da vida humana se desvanecer abruptamente. Embora essas terríveis sensações já estivessem presentes em períodos históricos anteriores, por exemplo, quando da consolidação da cidade como espaço essencial da atividade humana, ou seja, o trabalho compulsório das fábricas, os baixos salários, o estado de miséria em que muitos se encontravam como a outra face do desenvolvimento capitalista, a desordem e o caos a que estavam sujeitas as grandes cidades, todas essas considerações apontam para o fato de que a plena felicidade humana ainda não havia chegado, contudo, não restam muitas dúvidas de que o ritmo das mudanças tecnológicas embriagou-nos e fez-nos esquecermos, temporariamente, que a vida tinha seu lado trágico.

Ao fim da segunda guerra mundial essa tragicidade estava escancarada, seu resultado era um saldo incrível de destruição, aniquilação, perda, empobrecimento, uma clara visão da barbárie, antes imagem privilegiada dos povos nativos. O conceito de civilização não parecia mais tão seguro se o que representava era o ideal de organização social. Se pudéssemos rapidamente traçar um perfil do horizonte que se vislumbrou após o ano de 1945, diríamos que a economia capitalista permaneceu orientando a produção econômica, majoritariamente, da Europa ocidental e Américas e a economia comunista se expandiu pela Europa oriental e regiões importantes da Ásia, consolidando-se como principal ideal de oposição ao capitalismo. Evidentemente que

essa divisão bipolar do mundo não constitui todo o horizonte que se apresentou no pós-guerra, mas o conflito de ideologias foi um importante elemento de organização social que afetou, sem surpresas, todas as esferas sociais como as artes, a ciência, política, educação e cultura.

A Guerra Fria nos levou a perceber uma bipolaridade que se seguiu ao fim da última grande guerra simbolizada pela oposição entre o capitalismo e o comunismo e as diversificadas formas nas quais tais ideologias foram assimiladas, mas, principalmente, como isso se desenvolveu em um cenário político internacional capaz de catalisar as outras formas de expressão ideológica em discursos políticos que objetivavam a eliminação do seu contrário. Daí uma guerra pautada, especialmente, na ameaça, na construção de imagens, na propaganda, mas, também, no confronto direto nas áreas de influência das grandes potências.

Outra consideração é a de que os historiadores costumam classificar a Guerra Fria em diferentes etapas históricas que melhor explicam os contornos assumidos na relação entre os EUA e URSS uma vez que foram muitas as formas que caracterizaram as diferenças ideológicas entre essas duas nações. Segundo Ricardo Faria e Mônica Miranda esse conflito se dividiu em pelo menos três etapas diferentes sendo elas a Guerra Fria “clássica”, a *Detente* e a “Nova” Guerra Fria.¹ Para nosso artigo, é oportuno que vejamos, ligeiramente, como essas etapas se desenrolam na sociedade norte americana, sociedade na qual Charles Bukowski desde 1923, com três anos de idade, passaria a viver. Ao fim da 2ª guerra mundial e início da Guerra Fria, Charles Bukowski encontrava-se com 25 anos de idade o que lhe permitiu não só acompanhar o início e o desfecho da última grande guerra como presenciou as conseqüências desse processo histórico com maturidade. Essa constatação é imprescindível, pois suas impressões sobre todos esses acontecimentos históricos serão fundamentais para a formação de uma subjetividade literária marcada pela descrença no progresso, desenvolvimento econômico, felicidade humana, bem como o forte desgosto pelas ideologias que naquele momento equilibravam as relações políticas internacionais. Esse processo histórico no qual se inseriu os EUA de maneira determinante não apenas influenciou a construção de

¹ FARIA, Ricardo de Moura e MIRANDA, Mônica Liz; *Da Guerra Fria à Nova Ordem Mundial*. São Paulo: Contexto, 2003, p. 7.

tal subjetividade literária como também fez parte direta de algumas produções de Bukowski enquanto objetos literários das narrativas que compuseram essas produções.

Em Charles Bukowski, essa relação entre escritor e tempo histórico é fundamental na decifração ou interpretação daquilo que constitui seus temas literários, os espaços representados, a personalidade que aflora na personagem criada pelo literato e, talvez mais essencial, como ele marca sua posição ou estabelece uma ação concreta mediante o discurso literário sobre o tempo histórico em que vive. Essa arte de estabelecer conexões entre uma expressão artística e ao que ela se refere historicamente é essencial para demonstrarmos como funciona a relação entre a História e a Literatura:

Por exemplo, uma questão complementar ao problema mimético refere-se ao estatuto propriamente retórico do texto literário, no sentido de um discurso que se dirige à pluralidade dos leitores, que intenta a produção de efeito público, construindo subjetividades não apenas no sentido de interpretação da realidade, mas também no estabelecimento de formas de ação. Ou seja: da literatura como acontecimento ela mesma, do texto como evento, devir – e não retrospectiva do que já foi feito. Ao tratá-lo como documento, dificilmente o historiador pensa o texto literário como estratégia de intervenção no mundo, como tentativa de incitação e choque, como discurso participante das polêmicas de um certo tempo (grifo nos originais).²

4

Como toda literatura não existe fora de determinado espaço e tempo, especialmente a literatura *bukowskiana*, podemos continuar a entender, em linhas gerais, de que forma a sociedade do literato em questão estava caracterizada durante a Guerra Fria. Em termos políticos, a bipolaridade ideológica se aprofundava e o temor de uma “invasão” comunista dentro do próprio país levou o governo norte americano a intensificar a busca por indivíduos que se identificassem com o comunismo:

Nos Estados Unidos o clima era de histeria, alimentada pela mídia e fomentada até o Congresso. Difundia-se a idéia de que os comunistas estavam em todos os lugares. Por que não estariam na América? Insidiosos, eles se infiltravam em setores fundamentais da vida norte-americana, buscando destruir os valores da sociedade cristã e ocidental[...] De onde e quando menos se esperava, os comunistas surgiam tal qual vampiros sedentos de sangue, para devorar criancinhas e escravizar homens e mulheres ao totalitarismo. Muitos

² FARIA, Daniel. Quando os poetas se despediram da felicidade: Baudelaire e Dostoiévski criticam as utopias. In: *História: Questões e Debates*. Ano 23, n. 44. Curitiba: Ed. Da UFPR, 2006, p. 71.

norte-americanos acreditavam em todo esse discurso anticomunista, reforçados pelos órgãos de imprensa e de entretenimento.³

Essa conduta que vigorou logo ao fim da segunda guerra mundial pode ser compreendida como uma medida política adotada pelo governo norte americano de prevenção contra um suposto crescimento da ideologia comunista dentro do próprio território. A atenção dada a tal conduta logo gerou um clima de insegurança, medo e terror no cotidiano dos cidadãos americanos passando a sentirem-se receosos de que uma mera inconformidade com os rumos políticos do país significasse filiação ou identidade com a ideologia comunista. Não por acaso a liberdade de expressão tão cultuada nos governos de democracia liberal foi severamente fragilizada, pois ao mínimo sinal de insatisfação ou crítica direta ou indireta ao governo era encarada como ataque aos ideais capitalistas. Ora, em um momento no qual se tem a sensação de que as relações sociais e políticas estão divididas entre duas ideologias, uma crítica ao capitalismo só poderia ser assimilada como saudação ao comunismo e vice-versa.

Se por um lado os EUA desde a segunda metade da década de 1940 dedicavam-se a atacar a URSS taxando-a de nação totalitária e repressora da liberdade do homem, encontrava-se também envolvida num amplo processo de perseguição contra seus próprios compatriotas acusando-os de subversivos da ordem capitalista ou aliados da nação inimiga. Essa conduta oficializada pela criação do Comitê de Atividades Anti-Americanas viria a ser chamada de *macarthismo* em referência a um de seus presidentes.

O *macarthismo*, assim definido, enquanto uma política interna de segurança nacional expressava uma representação social bastante legitimada na sociedade norte americana sobre a afirmação da democracia liberal como modelo político agregador das liberdades individuais e, sobretudo, afirmação do capitalismo enquanto modo de produção econômico dominante e definidor das relações sociais. Se pensarmos a partir de Roger Chartier o significado de representações sociais como um conjunto de visões determinadas pelos interesses de um grupo que as forjam⁴ não é difícil concluir que o

³ FARIA; MIRANDA, op. cit., p. 31.

⁴ CHARTIER, Roger. *A História cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil S.A., 1990, p. 17.

macarthismo foi uma das práticas envolvidas no jogo das relações políticas do pós-45 que procurou reafirmar, a qualquer custo, o conjunto de visões sociais sintetizadas pela proposta liberal democrática e que encontravam na burguesia norte americana seus principais defensores e idealizadores, isto porque havia se tornado já a bastante tempo o grupo privilegiado de controle sobre as forças de produção e, evidentemente, mantenedores dos princípios de liberdade econômica rejeitada pela URSS.

Considerando que a Guerra Fria “clássica” tenha perdurado durante as décadas de 1940 e 1950 e que o *macarthismo* tenha sido uma de suas mais fortes características no campo das relações políticas na sociedade americana, embora essa prática de perseguição tenha funcionado até o fim da década de 60, ao lado da apreensão cada vez maior do uso da bomba atômica, outros fatores nos obrigam a desviar nossa análise da esfera política para a econômica. Não se trata exatamente de esmiuçar o modo de produção capitalista e seu funcionamento nos EUA do pós-guerra, mas fazer algumas considerações sobre como a sociedade de consumo intensivo se consolidou no período em que a possibilidade de extinção da raça humana era real.

Os EUA das décadas que se seguiram à segunda guerra mundial era o modelo ideal não só dos avanços tecnológicos em curso, embora tenha dividido por certo tempo essa posição com a URSS durante a corrida pela conquista espacial, mas do próprio consumo dessas novas tecnologias. A indústria tecnológica alavancou justamente pela demanda de novas técnicas em todos os campos de atividade humana, assistiu-se ao crescimento espantoso das indústrias cinematográfica e fonográfica, da miniaturização da tecnologia, aumento da produção automobilística, da produção dos bens de consumo, aperfeiçoamento do maquinário industrial e o surgimento da televisão. Toda essa produção no campo econômico redefiniu os parâmetros da vida cotidiana e estabeleceu novos comportamentos entre os indivíduos. A propaganda se firmou como a arte do capitalismo e foi fundamental para que todas essas mudanças econômicas e tecnológicas fossem popularizadas e assimiladas pelos vários grupos sociais como a maior prova de que os EUA eram o modelo de nação e seus compatriotas, privilegiados por fazerem parte desse processo. É nessa linha de constatações que se torna possível relacionar o *american way of life* ao conjunto de novas representações sociais formuladas a partir desse grande turbilhão de alterações em todos os sentidos. Mas, é claro, tais alterações e

representações significavam, ou esse era o intuito original, a vitória do sistema capitalista sobre o comunismo.

Charles Bukowski, contemporâneo a essas mudanças, vinha tentando publicar suas histórias desde os anos 1940. Tendo conseguido pouco sucesso na década seguinte, se tornou notório nas revistas e jornais *underground* somente a partir dos anos 1960,⁵ construindo uma obra literária vertiginosamente crítica sobre a estrutura social na qual estava inserido e sobre como o *american way of life* permanecia um sonho inalcançável para muitos. A idéia de Bukowski era a de que se a América foi um brilho ou sorriso para alguns, para muitos outros ela não deixava de ser um corredor escuro e frio:

e andei pelo saguão escuro
onde estava a senhoria a
a execrar-me e, por fim,
a mandar-me para o inferno,
balançando seus braços gordos, suados
e gritando
gritando pelo aluguel
porque o mundo pregara uma peça
em nós dois.⁶

7

Esse mundo a que Bukowski se refere é a sociedade americana representada por este escritor como algo bem diferente e diametralmente oposto às representações condensadas no jeito americano de viver. Diferente porque neste poema, publicado entre 1960-61, na revista *Targets*, a América não é a terra dos sonhos e conquistas, mas o deprimente saguão escuro de uma pensão pobre. A América não é a beleza da atriz *hollywoodiana* tal qual Marilyn Monroe, mas a senhoria sem escrúpulos de braços gordos e suados. É neste mundo que ao invés de alcançarmos a razão, o progresso e a felicidade, antes ele nos prega uma peça.

Esse poema intitulado *The Tragedy of the Leaves*, aponta para o fato de que por trás do sorriso gracioso e sensual de Marilyn Monroe existe uma tragédia velada representada na vida e no cotidiano de muitos sujeitos que, apesar da obstinação, andaram ao largo do sonho americano. O olhar desse escritor na maior parte de sua produção esteve mais atento à tragicidade da vida humana que se fez velada devido ao

⁵ SOUNES, Howard. *Charles Bukowski: vida e loucura de um velho safado*. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2000.

⁶ BUKOWSKI, Charles, apud, SOUNES; Idem, p. 58.

ritmo das transformações econômicas, a quantidade absurda de novidades tecnológicas que brotavam com mais frequência e, certamente, pelo trabalho árduo da propaganda em definir padrões de vida que se referissem ao desenvolvimento do capitalismo.

O que escondia a tragicidade tão bem percebida por Charles Bukowski era uma sociedade cada vez mais devotada à aparência, ao *slogan*, a publicidade, aos sonhos artificiais, o ritmo acelerado imposto pela modernidade desde o século XIX se tornava mais impactante, o crescimento industrial e as máquinas cada vez mais rápidas impôs ao sujeito moderno a necessidade de ser rápido e ágil. Agilidade, rapidez, progresso, sucesso, conquistas, vitórias, realização, conforto, liberdade, todas essas palavras foram transformadas em matéria prima para o influente mercado da publicidade que não teve dúvidas de que a vitória do capitalismo sobre o comunismo não se daria somente no confronto direto, mas dentro das próprias fronteiras. O poder da publicidade, potencializado com a popularização da televisão, de fato era espantoso e foi responsável muitas vezes por reforçar o imaginário sobre URSS e o comunismo. Era comum a criação de pôsteres⁷ que representassem a partir de fotografias ou desenhos gráficos o padrão de vida americana a ser seguido. Numa sociedade cuja função da comunicação se tornava essencial para a elaboração de novos valores sociais, a linguagem foi largamente utilizada como instrumento ideológico. A indústria artística, principalmente através do cinema *hollywoodiano*, era espaço ideal para construção de personagens simbolizadores desses novos valores.

Enfim, se havia uma tragédia da vida humana muito clara e perceptível aos olhos de Charles Bukowski, certamente essa tragédia manteve-se ausente dos pôsteres, jornais e revistas de grande circulação nos EUA. Mas isso não é estranho se admitirmos que a Guerra Fria foi um conflito mediado pela visão que uma superpotência preservava sobre a outra. Esse impasse é oportuno para pensarmos como a esfera cultural da sociedade norte americana conseguiu açambarcar visões tão díspares sobre o mesmo objeto: o indivíduo americano. Talvez não se trate de escolher a visão mais correta, porque, logicamente, os ideais e os valores sociais difundidos pela cultura de massa serviram para alguns. Trata-se, sim, de questionar a homogeneidade que vem imbricada

⁷ SEVCENKO, Nicolau. *A corrida para o século XXI: no loop da montanha russa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 63-64

nesses discursos. Se aventurar numa análise da obra literária *bukowskiana* é, na verdade, problematizar a homogeneização dos desejos, sonhos, comportamentos, representações e práticas que tanto reivindicava o mercado publicitário e o grupo social que o controlava.

Escrever contra esse tipo de homogeneização foi, simultaneamente, um elemento literário muito caro e precioso para Bukowski. Precioso porque se tornou recorrente dentro uma produção literária que na virada da década de 1960 para 1970 ganhou uma incontestável notoriedade entre os principais poetas e romancistas contemporâneos a ele. Caro, porque muito antes dessa notoriedade tal elemento literário parecia ser arrancado de seu próprio corpo:

Quando minhas mãos pálidas
Deixarem cair a última caneta
Em um quarto barato
Eles vão me achar lá
E nunca saberão
Meu nome
Minha intenção
Nem o valor
Da minha fuga.⁸

Esse poema se chama, oportunamente, *old man, dead in a room*, e foi publicado no periódico *The Outsider*,⁹ no início da década de 1950. Neste período, as propagandas que engendravam e reforçavam a imagem da sociedade norte americana como a terra da liberdade, das casas confortáveis, dos eletrodomésticos com belos *designers*, da família feliz, dos belos jardins, esse tipo de propaganda já se encontrava em plena circulação. Em contrapartida, o poema de impressionante força escrito por Bukowski em pouquíssimas linhas remete para a subjetividade de um personagem que não se identifica com os valores legitimados no mercado publicitário, ao contrário, o que se apresenta nesse curto poema é o prognóstico da falência desses valores.

O poema já se anuncia de forma trágica: um velho solitário morto no quarto. Um velho que ao não colher os frutos do *american way of life* em sua plena maturidade prefere o suicídio ao sonho americano. A fuga, como o próprio poema nos diz, talvez

⁸ BUKOWSKI, Charles, apud, SOUNES; op. cit., p. 59-60.

⁹ Cf: SOUNES. Idem.

não seja mais do que o desejo do personagem em se afastar dessa atmosfera artificial e dos sonhos frustrados que lhe cercavam. O suicídio metaforizado pela fuga e o valor contido neste processo nos faz pensar como Charles Bukowski enxergava com pessimismo a condição humana na modernidade, especialmente, na sociedade norte americana. Escapam dessa composição todos os ideais nutridos pela propaganda massificada. Escapa a casa de belo jardim substituída por qualquer quarto barato do subúrbio, escapa a família feliz substituída pela solidão de um velho, ao invés de referências ao progresso e reconhecimento social, encontramos frustração e anonimato. As características sombrias presentes nesse poema serão recorrentes no restante do trabalho de Bukowski e pode ser compreendido como elementos fundamentais de um discurso literário contestador da estrutura social na qual surge e, ainda, evidencia os limites da bipolaridade ideológica nas manifestações artísticas. Ou seja, embora a poesia e prosa de Charles Bukowski proponham como ação a dissolução ou o enfrentamento do *american way of life* isso não o lança diretamente para a identificação com o comunismo. Ao contrário, esse escritor não poupará em críticas às representações da ideologia comunista que, em menor grau, circulavam pelos espaços sociais.

10

Essa breve apresentação da literatura *bukowskiana* nos remete para o que Roger Chartier chamou de lutas de representação, tão importantes quanto quaisquer outras na compreensão da estrutura social enquanto lugar de práticas e experiências humanas. Trazer essa literatura para a investigação histórica significa particularizar e diversificar análises sobre um tempo e espaço históricos ainda recentes na trajetória do homem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHARTIER, Roger. *A História cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil S.A., 1990.

CHARTIER, Roger. Literatura e História. In: *Revista Topoi*. Rio de Janeiro, n° 01, janeiro-dezembro, 2000. Disponível em: www.revistatopoi.org/numeros_anteriores/topoi01/01_debate01.pdf.

FARIA, Daniel. Quando os poetas se despediram da felicidade: Baudelaire e Dostoievski criticam as utopias. In: *História: Questões e Debates*. Ano 23, n. 44. Curitiba: Ed. Da UFPR, 2006.

VI Simpósio Nacional de História Cultural
Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar
Universidade Federal do Piauí - UFPI
Teresina-PI
ISBN: 978-85-98711-10-2

FARIA, Ricardo de Moura e MIRANDA, Mônica Liz. *Da Guerra Fria à Nova Ordem Mundial*. São Paulo: Contexto, 2003.

HOBBSBAWM, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

PEREIRA, Carlos Alberto M. *O que é contracultura*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

SEVCENKO, Nicolau. *A corrida para o século XXI: no loop da montanha russa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SOUNES, Howard. *Charles Bukowski: vida e loucura de um velho safado*. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2000.

STAROBINSKI, Jean. A literatura: o texto e seu intérprete. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. *História: novas abordagens*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976.